

Riacho Fundo agora é clínica

ELIANA LUCENA

Sessenta doentes mentais e seus familiares estão vivendo, em Brasília, uma experiência pioneira na área de psiquiatria. Na Granja do Riacho Fundo — que já serviu de residência para os ex-presidentes Emílio Médici e Ernesto Geisel — os doentes recebem doses mínimas de medicamento, fazem terapia de grupo e ocupacional, praticam natação e têm aulas de ioga e relaxamento. No mês passado, a neuropsiquiatra Henriqueta Camaratti iniciou um trabalho ainda mais revolucionário: gradativamente, os medicamentos convencionais estão sendo substituídos pela homeopatia. A acupuntura também será utilizada e os doentes vão alimentar-se apenas de comida natural.

Criado há um ano, o Instituto de Saúde Mental, responsável pelo projeto e ligado à Secretaria de Saúde do Distrito Federal, está sendo encarado como uma esperança pelos doentes e suas famílias, na maioria traumatizadas com o tratamento nos hospitais psiquiátricos convencionais. "Um hospital não pode ser uma prisão" — afirma Samuel Magalhães, 35 anos, casado, quatro filhos, que desde pequeno enfrentou altas doses de medicamentos e o afastamento da família para se tratar, quando entrava em crise. Ele é psicótico.

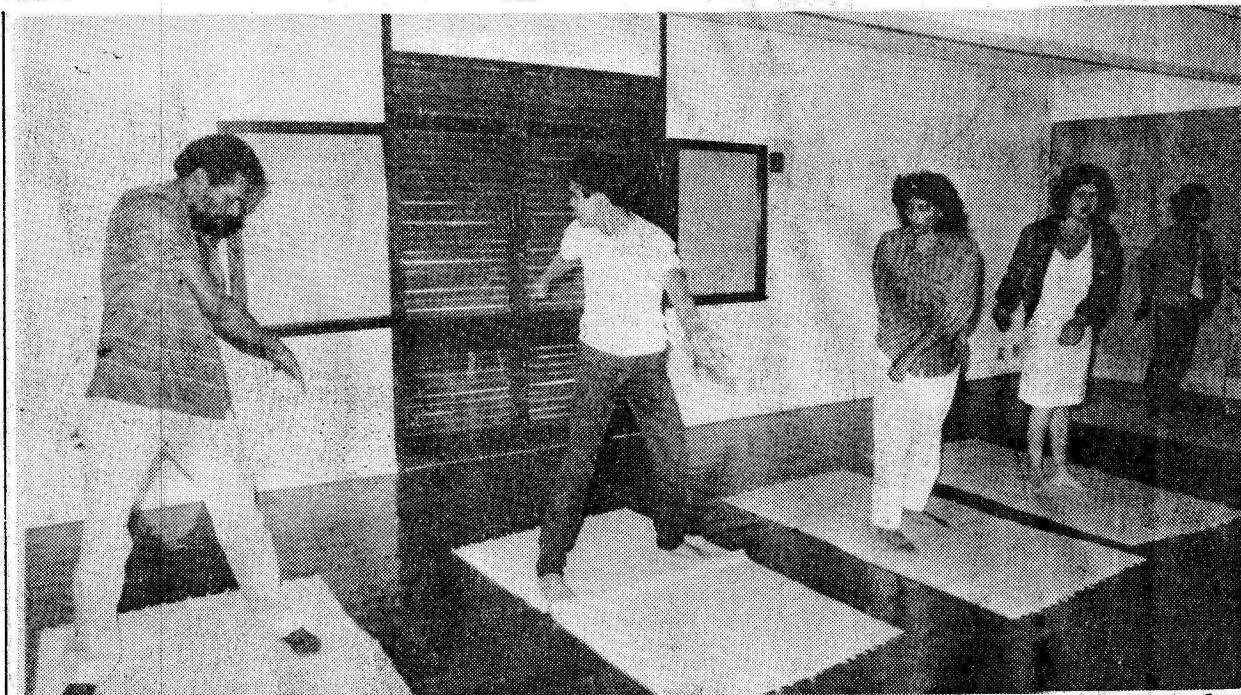
O artesão Samuel Moreno fugiu do hospital São Vicente de Paula, em Brasília, e agora acha que encontrou um caminho. "Fugí dos maus-tratos — desabafa —, pois num dos delírios briguei com o enfermeiro e passei a noite dopado e amarrado." O paciente participa das terapias de grupo e tem conseguido evitar algumas crises. "Quando sinto que o delírio está começando faço uma caminhada e converso com os médicos" — explica.

O psiquiatra Ivan Silveira, diretor técnico do Instituto, ressalta a importância da participação de familiares que também são orientados pelos terapeutas. "A família acaba tão perturbada com a presença de um doente mental que em muitos casos — afirma — o paciente pode estar apto a receber alta, mas a família não."

Ele afirma que, no Instituto, está-se procurando "acabar com a fantasia de alguns psiquiatras de que psicóticos não suportam terapias de grupo". Para ele, essa atitude, na verdade, encobre o medo do médico de enfrentar uma sessão com doentes que apresentam diversos tipos de psicose. O diretor superintendente do Instituto, Inácio Republicano de Oliveira, afirma que essa experiência piloto vai fazer com que os doentes possam ocupar seu tempo e aos poucos se reintegrem à sociedade. "Nos hospitais convencionais — afirma — tudo é feito no sentido de deixar o doente dopado e desligado do mundo. Nosso objetivo é exatamente o contrário."

Pai de um dos pacientes atendidos pelo Instituto, Adalberto Lassance acha que sua família, depois de quatro anos de luta contra a doença que se manifestou há quatro anos no filho, superou a vergonha, o constrangimento e o estresse. Sua única preocupação é a de que o projeto vá adiante. E lembra: "Há famílias de outros estados que já se estão interessando pela experiência de Brasília". A sobrevivência do projeto, certamente, dependerá dos custos, mas até agora não foi possível dimensioná-los: "Ainda estamos em período de experiência", diz Ivan Silveira.

Brasília/Agência Estado



Duca Lessa

Os pacientes tomam doses mínimas de medicamento e fazem aulas de ioga, e relaxamento